informativo eletrônico mensal da Sociedade Canoa de Tolda

014

JULHO 2016

Pelas Carreiras

Reserva Mato da Onça: mirando em 2035

Espécies são reunidas e protegidas na Unidade de Conservação para a preservação da biodiversidade das caatingas do Baixo São Francisco

Imagem - Canoa de Tolda

«Se você está determinado a fazer algo para preservar o remanescente de patrimônio natural, não espere nada do poder público, ou mesmo da sociedade em geral: seriam necessárias radicais mudanças em modo de vida e politicas públicas predatórios estabelecidos a partir da rapinagem insaciável de recursos naturais em um sistema onde o capital é dominante. Junte os recursos possíveis, compre o quanto puder de terras, mesmo degradadas, cerque e enquadre como UC - Unidade de Conservação. Iniciativas assim criam possibilidades de que alguma coisa poderá ser salva.» Estas palavras resumem uma prosa no beiço do rio de quase vinte anos atrás, e ainda são atuais, relevantes, indicando ações urgentes, já que o panorama socioambiental da região não melhorou.

A criação da RMO - Reserva Mato da Onça - com seu conjunto de propostas - em 2014, é uma tentativa de reação ao quadro de risco de desaparecimento definitivo de muitas espécies da flora e da fauna do semiárido do Baixo. Do pouco que ainda resta: uma espécie extinta está perdida definitivamente, a um custo incalculável para o patrimônio de recursos naturais não só da região.

Em seu plano de manejo, em curso e com data limite de finalização no final de 2020, a principal meta da RMO é o restauro de áreas de caatingas ripárias, de encosta, nos grotões e nas chãs até 2035. Mas, 2035? Sim, 2035. Não há como realizar um processo consistente de restauro de caatingas em menor tempo, que exige acompanhamento por todo o período: em quantos anos uma craibeira atinge o porte que permite a formação de um micro ecossistema, na própria árvore e seu entorno? A primeira grande avaliação intermediária será em 2025 e para 2035 a intenção simbólica é correr pelas trilhas sombreadas. O restauro florestal da UC está apoiado, sobretu-

Imagem - Canoa de Tolda

A produção de mudas atende à Reserva Mato da Onça e obtenção de matrizes priorizando as espécies em risco.

A identificação de matrizes de espécies vulneráveis é seguida de coleta de sementes para produção de mudas

do, na implantação progressiva do Viveiro Mato da Onça, cuja produção já atende à UC e em breve estará disponível para a comercialização. A posição estratégica do viveiro no Baixo São Francisco favorece plantios na região que sigam parâmetros adequados de origem de matrizes: raio de 200 km do local de implantação garantindo particularidades genéticas das espécies regionais. As mesmas condicionantes são aplicadas quanto à origem de sementes e espécimes realocados para a RMO.

Uma arca do Baixo? Talvez. Em 2015, bastante tempo depois do desejado, a corrida contra o tempo teve início. As coletas priorizam sementes e espécimes vulneráveis e/ou em risco de supressão em diversos pontos do semiárido do Baixo. Voluntários colaboradores também coletam sementes e alertam sobre exemplares em risco para que ocorram ações preventivas: desde uma prosa com o proprietário da área, sensibilizá-lo da importância daquele «pau no mato», ou o efetivo e emergencial manejo da planta para o interior da Reserva. Esta rede de olheiros também segue as floradas. As sementes coletadas produzirão mudas para plantio na RMO - gerando matrizes para garantir variedade genética futuramente - e para a venda. Mesmo espécies fora de risco extremo, como simples catingueiras, também são consideradas para a produção de novas matrizes, como uma poupança de biodiversidade. Não há dúvidas: no atual ritmo de supressão de caatingas, sem sua interrupção e a imediata adoção de ações de total recuperação das matas, em alguns anos várias espécies hoje em risco, muito provavelmente, só serão encontradas em estado natural no interior da RMO.

Com a criação da UC, a fauna vem retornando e se estabelecendo. Já são várias novas gerações de simpáticas e curiosas iguanas desde 2014.

A produção de recursos naturais está no cotidiano e em todos os processos de restauro das caatingas na UC: solo, massa orgânica vegetal e animal (a fauna circulando, se reinstalando e reproduzindo), estocagem de água no solo e em espécies vegetais. Técnicas simples como a poda da mata induzindo a rebrota; uso dos garranchos podados para manejo do solo e controle de processos erosivos além do reforço da serrapilheira; plantio de mudas precoces de espécies arbustivas e arbóreas; reforço e reintrodução de espécies ditas «rasteiras e o matinho à toa» que foram detonadas durante séculos por ocupações anteriores; aumentar o sombreamento; a taxa de umidade e, principalmente, encorajar a fauna, parceira essencial no restauro, polinizando, dispersando, atraída pelas muitas espécies frutíferas sendo plantadas.

Frutos de cactáceas, como o xique-xique, além de atraírem a fauna, que dispersa a espécie, são uma iguaria com grande possibilidade de geração de recursos para a manutenção da Reserva Mato da Onça.

Manter e recuperar uma área destas significa custos, não é pouca coisa. Afinal, qual o significado, a razão de se manter «tanta terra pra nada»? Qual o valor da mata, da bicharada? Quanto custa uma catingueira, um pau d'arco roxo, e um cedro? E a água estocada nas plantas, no solo? O serviço ambiental prestado? A paisagem vale alguma coisa? Seria possível, então, calcular o valor real de uma floresta seca que «não produz nada» que justificasse o esforço? Evidente que sim, mas é uma prosa para mais adiante e a UC tem que sobreviver. Como outra fonte de renda, além do Viveiro, a RMO se prepara para atividades de turismo de natureza, educacional e pesquisa. Há uma crescente demanda de pessoas interessadas que têm vindo ao local para conhecer as atividades e os atrativos naturais, mas ainda não é possível um serviço receptivo regular e de forma correta. São necessárias adequações que estão sendo realizadas gradativamente. Além destas alternativas, a Reserva está investindo em frutos silvestres nativos como o embu, o cajá, a seriguela, e frutos de mandacaru e xique-xique, todos com possibi-

lidades interessantes no sul do pais e no exterior. Derivados como geléias e conservas também estão nos planos.

E a Reserva e o futuro não tão longe? Há um ponto crucial na difícil história da recuperação do São Francisco: dispor de mudas nativas do semiárido prontas para plantio, em enorme quantidade, é algo óbvio, e a base da revitalização da bacia - serão necessárias milhares e milhares de mudas variadas, com qualidade genética comprovada - e uma muda leva algo em torno de cinco a sete meses, ou mais, de acordo com a espécie, para estar apta ao chão. Esta indispensável ação - uma boa fonte de renda para a agricultura local - preparatória nunca foi sequer iniciada pelo chamado Programa de Revitalização do São Francisco, inviabilizando inadiáveis plantios extensos já que, hoje, produzindo espécies de semiárido no Baixo, temos apenas o Viveiro da CHESF, em Piranhas, e o Viveiro na RMO ainda em fase inicial e com capacidade limitada. Mesmo juntos, suas produções são insignificantes e nunca poderiam atender a uma necessidade que é monumental.

A RMO é muito menos que a gota, da gota, da gota d'água no sentido oposto ao desastre socioambiental que são as ocupações, os usos e a gestão da água na bacia do São Francisco. Um mero fragmento destas paisagens, ao qual se junta de forma natural a canoa Luzitânia, que, não custa lembrar, custou cerca de quase dez anos para ser recuperada e voltar a navegar. Seriam necessárias dezenas, várias dezenas ou mais, de iniciativas como a Reserva Mato da Onça apenas na região do Baixo, urgentemente, posto que não há mais margem de tempo até a extinção de várias espécies. E em toda a bacia?

Imagem - Canoa de Tolda

Todas as espécies merecem atenção e são importantes para a recuperação dos vários ecossistemas da Reserva Mato da Onça.

Imagem - Canoa de Tolda

Na barra do riacho do Bebedô, dentro da UC, a remoção de espécies exóticas e invasoras dá espaço para a flora nativa, revigorada. A paisagem se recompõe lentamente.

Prosseguem os monitoramentos dos impactos das vazões reduzidas

A Canoa de Tolda está mantendo as navegações de varredura de monitoramento dos impactos produzidos pela regularização do São Francisco abaixo da vazão mínima de 1.300 m^3/s (desde o início de 2013 a partir do colapso do nível do reservatório de Sobradinho). Atualmente as barragens estão operando com vazões defluentes de 800 m^3/s, autorizadas até o final de agosto próximo pela ANA - Agência Nacional de Águas.

Com as restrições decorrentes para as navegações com a canoa Luzitânia (veja Pelas Carreiras - 013), as atividades estão sendo realizadas com as lanchas de apoio da entidade. Os relatórios em breve estarão disponíveis.

Imagem - Canoa de Tolda

O informativo Pelas Carreiras é uma iniciativa da Sociedade Canoa de Tolda. A reprodução e veiculação de textos e imagens é permitida e incentivada, desde que sejam citados a fonte, autor e crédito de imagens. Artigos com autoria não exprimem necessariamente a posição da editoria, da entidade ou da iniciativa com seus eventuais apoiadores.

Canoa de Tolda - Sociedade Sócioambiental do Baixo São Francisco
Sede - R. Jackson Figueiredo, 09 - Mercado Municipal - 49995-000 Brejo Grande SE
Base Sertão - Reserva Mato da Onça - Povoado Mato da Onça - 57400-000 Pão de Açúcar AL
End. Eletr.- canoadetolda@canoadetolda.org.br **Internet**- www.canoadetolda.org.br